



www.joaouxiii.com.br

FALA, JOÃO

Jornal do Colégio João XXIII

junho | julho 2013

Foto João XXIII



Os quatro elementos

Água, terra, fogo e ar. Os quatro elementos da natureza estiveram presentes na *Semana do Meio Ambiente* que no Colégio João XXIII virou "mês". Uma exposição de trabalhos inspirados em Renoir e Monet saudou *O Ano Internacional de Cooperação pela Água*, os alunos da Infantil viraram caçadores de ar, os do Ensino Fundamental plantaram hortas e construíram jardins suspensos. Por fim, a tradicional fogueira de São João encerrou as comemorações.



Lei do diálogo

O diálogo é lei no João. Em dois períodos anuais, além das reuniões pedagógicas semanais, professores, coordenadoras e direção se reúnem para trocar conhecimento, experiência e (re)pensar práticas pedagógicas. Neste inverno, o foco foi **A Ética: o cuidado nas relações**. Coordenados pelo Serviço de Orientação e Psicologia (SOP), os estudos e as discussões acaloradas – mesmo nos dias frios – foram realizados em três encontros.

Paralelamente outro momento reforçou a Lei do Diálogo, pulsante na Escola desde sua criação. Ex-alunas – Clara Pozzobon de Menezes e Isabella Wondracek retornaram ao João para propor um debate sobre a situação política brasileira, em especial os protestos e manifestações, protagonizadas por jovens. Acolhida a ideia pela equipe técnica do EM, professores e outros ex-alunos aderiram ao debate. Realizaram não um, mas três encontros com o Ensino Médio. Um diálogo de jovem para jovem – Clara, Isabella, Pedro Almeida, Gustavo Tessler, João Ilha e Vinícius Marra mostraram que se prepararam para tratar o tema com profundidade. O professor Arthur Bergelt foi o mediador do grupo. Mais do que uma sugestão oportuna do grupo de ex-alunos, ficou explícito que nossa Escola forma pessoas conscientes, criativas e socialmente responsáveis. Foi uma grande aula para todos do João.

Anelori Lange
Diretora Geral



JOÃO XXIII

Jornal do Colégio João XXIII

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Presidente: Cristina Toniolo Pozzobon

Vice-presidente: Afonso Mossry Sperb

Diretor Financeiro: José Carlos Carpes Castiglio

Diretor Jurídico: Blair Costa D'Ávila

Diretor de Patrimônio: Pedro Chaves Barcellos Filho

Diretora de Comunicação: Jaqueline Tittoni

INSTITUTO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Diretora Geral: Anelori Lange

Vice-Diretora: Maria Tereza Coelho

Edição: Rosina Duarte

Textos: Luana Dalzotto

Diagramação e editoração: Cristina Pozzobon



Foto João XXIII

Se o João fosse uma cidade, o Conselho seria a Câmara dos Vereadores

Senhor administrador

A Fundação Educacional João XXIII é administrada por um senhor de 45 anos. Nome: Conselho; sobrenome: Deliberante. Criatura singular, possui mais de 80 cabeças e 160 braços com mangas arregaçadas para realizar a dura tarefa de gerir o presente e tecer planos para o futuro da Instituição. Seu trabalho é 100% voluntário.

Nascido em 1968, o Conselho Deliberante foi gerado quatro anos depois da criação da Escola. Até então, apesar da proposta pedagógica arrojada, juridicamente o João XXIII era apenas mais uma instituição de ensino particular. Mas, com o crescimento do número de alunos, os fundadores sentiram dificuldade em conciliar a condução pedagógica e administrativa. Buscaram, então, uma forma democrática de gerenciar o João.

Nos seus primeiros anos de vida, o Conselho consistia numa reunião de casais interessados em manter uma educação de qualidade para seus filhos. Estava bem próximo de uma Associação de Pais, com funções e poderes ampliados. Hoje, já maduro, o seu trabalho exclusivamente focado na administração. “Se o João fosse um município, nós seríamos a Câmara dos Vereadores”, compara Afonso Mossry Sperb, acrescentando que “um dos grandes desafios é neutralizar os interesses pessoais e reforçar as tomadas de decisões capazes de privilegiar o coletivo.”

“É compreensível que um pai ou uma mãe, no início, defendam o benefício imediato dos seus filhos. Mas, ao longo do trabalho, eles vão entendendo a necessi-

dade de pensar além do tempo das nossas crianças, de planejar uma escola capaz de sobreviver e manter a qualidade no futuro”, explica Cristina Pozzobon, presidente do Conselho. “Temos o ônus e o bônus. Nossas decisões tanto podem determinar longa vida ao João quanto enterrá-lo”, complementa Elaine Anele, lembrando outras escolas com administração semelhante que acabaram fechando as portas.

A plena compreensão do papel do Conselho se torna complexa devido ao tempo de mandato: dois anos. “Levamos pelo menos um ano para formar um conselheiro”, explica Cristina. Outro fator delicado é o fato de que muitos sequer se candidatam, sendo eleitos representantes das turmas por indicação livre. Depois de escolhidos, precisam frequentar reuniões

noturnas uma vez por mês, sem qualquer remuneração. Como alguns desistem, são afastados por falta de frequência ou inadimplência das mensalidades, as renovações são parciais. Foi o que aconteceu na última eleição.

Para coordenar todo esse complexo processo, o Conselho conta com a Diretoria Executiva, composta por seis membros, cujas reuniões são semanais. O grupo acaba se tornando tão próximo que é comum vê-los reunidos pela manhã, no bar, após deixarem os filhos na sala de aula. Mas, nesses encontros, é proibido falar sobre as deliberações. Ali, na frente dos cafés fumegantes, são apenas pais e mães trocando confidências sobre suas crianças ou jogando conversa fora, antes de enfrentarem a correria do dia a dia.

**O Conselho
gere o presente
e planeja
o futuro**



No projeto Receita Legal as crianças viram degustadoras

Degustadores mirins aprovam ou desaprovam quitutes no Colégio João XXIII. As receitas – preparadas com ingredientes essenciais para quem está em idade de crescimento – são propostas pela nutricionista Joseane Ruschel Mancio e, por vezes, passam a integrar os lanches oferecidos pela cantina da Escola. Bolinho de aveia, pão recheado com requeijão, bolo de cacau e quiche de queijo integral fazem parte do projeto *Receita Legal*, e já estão no cardápio da comunidade escolar.

A alimentação saudável é uma antiga preocupação dos pais. Alguns anos atrás, o Conselho Deliberante chegou a constituir uma Comissão de Merenda. Foi naquela ocasião que a Escola contratou uma nutricionista exclusiva, pois antes a única profissional da área era a vinculada à cantina. A partir de então, as duas começaram a trabalhar em conjunto.

Mas Joseane tem outras atribuições além de orientar os lanches oferecidos na hora do recreio. Atuou em conjunto com a Comissão, participou do processo que selecionou o atual fornecedor da merenda da Escola e elaborou o documento *Política de Alimentação Saudável do João XXIII*. Desde então, as estratégias foram muitas. Para trabalhar embasada em dados concretos, por exemplo, mediu e pesou todos os alunos da Infantil ao 4º ano.

Mais do que proporcionar lanches saudáveis, ela tratou de promover um sistema de educação nutricional. Nesta linha, os estudantes não só tiveram aulas sobre o fun-



Foto João XXIII

O Colégio oferece educação nutricional e merenda saudável aos alunos

cionamento da pirâmide alimentar, como também participaram de oficinas de sabores e de culinária, quando aprenderam a fazer sanduíches com carinha e peixe, bolo de caneca e outras gostosuras.

A meninada também participou do *Fru-tão*, com sessões de prova de frutas exóticas. Na ocasião, foram apresentados à graviola, ao abacaxi, ao abacate, à carambola e à cereja natural. Uma das campeãs de audiência entre as

atividades é a *Receita Legal*. “Eles gostam tanto que, quando me enxergam, chamam: Nutri, nutri, quando é a próxima?”.

Sem falsa modéstia, Joseane comemorou quando, ao receber a Cartilha da Alimentação Saudável do Ministério da Saúde, constatou que 73% do cardápio do João está ali recomendado. “Das 26 preparações sugeridas, 19 a gente já pratica, e mais de 80% já foi testada”.

Uma espiada dentro da barriga

Como no filme *Viagem Fantástica*, os alunos do 5º ano passearam pelo interior do corpo humano. Mais do que isso, moldaram os órgãos com massa de modelar e remontaram o sistema digestório nas barrigas de bonecos de plástico. Dentro da mesma proposta, os estudantes também desenharam silhuetas e, por meio de colagem, reproduziram o caminho secreto e sinuoso percorrido pelos alimentos. “Procuramos trabalhar da maneira mais lúdica possível, pois assim o aprendizado acontece”, resume a professora responsável pelo trabalho, Maria Marilei Weiss.





Crianças botam as mãos na terra

A *Semana do Meio Ambiente* foi multiplicada por quatro no Colégio João XXIII. Resultado: um mês inteiro para pensar, homenagear e cultivar ideias em torno de um mundo ecologicamente equilibrado.

Como da água veio a vida, o *Mês do Meio Ambiente* começou com a exposição "A Beleza da Água", na quarta-feira, 5 de junho, Dia Internacional do Meio Ambiente e da Ecologia. Os trabalhos dos alunos do 4º ano foram inspirados nos reflexos e nas transparências eternizados pelas leves pinceladas de Renoir e Monet. Eles estudavam o Impressionismo quando descobriram a paixão dos dois pintores pela natureza e a frequência com que retratavam a água. A partir dessa ideia, selecionaram várias obras sobre o tema e criaram releituras expostas no pátio da Escola durante todo o mês.

Enraizado no projeto socioambiental *O Mundo Passado a Limpo*, o *Mês do Meio Ambiente* foi semeado com atividades desenvolvidas em todos os níveis. A horta do João, por exemplo, ganhou vida nova. Os autores do milagre da ressurreição foram os alunos do 1º ano que, junto com suas professoras, mergulharam as pequenas mãos na terra e plantaram hortaliças. O plantio ocorreu no dia 6 de junho e, desde então, a gurizada faz escala para regar as mudas. O jardineiro da Escola também participa, ajudando na limpeza e no controle das pragas. Além das plantas, a horta ganhou de brinde uma decoração feita com coloridas garrafas pet.

Saídas de estudo para a zona rural, construção de minhocário, palestras, pesquisas, ornamentação das salas e da Escola foram apenas alguns itens do extenso programa, que pode ser conferido no site da Escola.



Fotos: João XXIII

João teve quatro Semanas do Meio Ambiente

Os jardins suspensos do 5º ano

Nem só a Babilônia tem jardins suspensos. O João também. Construídos pelos alunos do 5º ano - com MDF e garrafas Pet - enfeitam a entrada do prédio da etapa. O trabalho faz parte da prática da Cultura da Sustentabilidade, coordenada pela professora Maristela Dutra. "Mostrei alguns tipos de horta para se ter em casa, onde muitas vezes existe pouco espaço físico. Então, os

alunos tiveram a ideia de fazer o quadro com flores", conta Maristela. Foram necessárias quatro aulas para concluir o trabalho, pois os autores da obra precisaram recortar garrafas plásticas, plantar as mudas e esperar que se adaptassem antes de expor o trabalho. Enquanto as flores vicejavam, montaram a moldura e desenharam o título com folhas secas.





Alunos fizeram releitura da obra de Renoir e Monet e retrataram a água de diversas formas

A beleza da água

Os alunos das turmas de 4º ano decidiram mostrar que estão atentos para as questões em torno do "Ano Internacional de Cooperação pela Água". Ao estudar o movimento artístico Impressionismo, descobriram que artistas como Monet e Renoir adoravam pintar cenas da natureza, nas

quais a água aparece com bastante frequência. A partir dessa ideia, selecionamos várias obras que apresentam a água em destaque e criamos releituras delas, procurando aplicar a técnica impressionista.

No desafio de cada aluno de recriar reflexos e sombreados com todo esme-

ro e com tanta beleza nestas obras, fica também o nosso desejo de que este trabalho ajude a trazer a reflexão e a conscientização no sentido de preservar este bem tão precioso que é a água.

Clarisse Normann
Professora de Arte

Os caçadores de ar

Se o ar é invisível, como a gente sabe onde ele está? – indagaram os alunos do Maternal D à professora Marinna Oliveira. As crianças andavam intrigadas com os mistérios do fundo do mar – tema que enfeita a sala de aula – e queriam saber como era possível viver sem oxigê-

nio. Para responder à pergunta, Marinna organizou uma caçada diferente. Munidos de sacos plásticos, eles percorreram a sala e o pátio, vasculhando até embaixo do escorregador. E voltaram exultantes com seus sacos cheios de ar e as cabeças cheias de novas perguntas.



Céu de fogo, fogueira no chão

Com as bochechas vermelhas como maçãs do amor, sardas falsas, dentes pretos, marias-chiquinhas, chapéus de palha, vestidos de chita e roupas remendadas, os pequenos e os grandes caipiras do Colégio João XXIII integraram uma legião de mais de 1500 pessoas que participaram da Festa Junina, ocorrida no dia 29 de junho. O sábado começou com chuva, mas abriu à tarde e encerrou com um belo pôr do sol com cores tão vivas quanto às da tradicional fogueira acesa no pátio.





Histórias do João

Desafio - m e a compreender certas e tantas particularidades que possui nosso Colégio, e as que mais me interessam são as diferentes formas de manifestação da comunidade. O desafio passa um pouco pela tentativa de captar as formas de expressão espontânea da comunidade. E ela está espalhada pelo espaço aberto desta instituição. Está, por exemplo, numa simples escada.

Foi assim, tempo atrás, quando eu estava observando uma escadaria. Que depois da reforma do prédio das etapas perdeu sua utilidade imediata. Os alunos, contudo, continuaram utilizando-a como ponto de encontro, ali sentados, ao sol. Transformou-se numa escada horizontal, que os levava a outros horizontes. O da imaginação. O

O projeto Crônicas do João é um espaço literário aberto em que a comunidade pode mostrar sua escrita criativa. Esperamos o seu texto.

O Fim do Veraneio

da criação. Então a comunidade decidiu pintar a parede fechada que antes servia de passagem. Quedar-me diante daquela escada que termina numa parede pintada, ainda que tenha sido por alguns instantes, e observar o colorido daquela arte coletiva, me trouxe uma tranquilidade – e soltei a imaginação. Fiquei a pensar numa continuação para o trajeto de tão inusitada escada, esta que agora serve para nos fazer imaginar outros caminhos.

Sem dúvida, uma das tantas características marcantes do Colégio João XXIII é a horizontalidade. A ideia de que estamos aqui num espaço de interação em que os grupos se organizam e convivem entre si num mútuo respeito e com o objetivo de tocar projetos coletivos, sim, este é um dos diferenciais do ser João. Se temos lá no ginásio o treino incessante dos atletas do handebol, noutro canto ouvimos os acordes

da Banda do João, enquanto cedo da tarde os pequenos só queriam “dar mais uma olhadinha” nos bichos do Minizoo, e lá na Cantina, antes cedo pela manhã, um grupo de pais sorvia o café ao som de grandes debates sei-lá-filosóficos, e por aí vai. Desenhando horizontes em escadas “aposentadas” e ainda depois criar textos coletivos sobre isso, eis a marca de nossa comunidade.

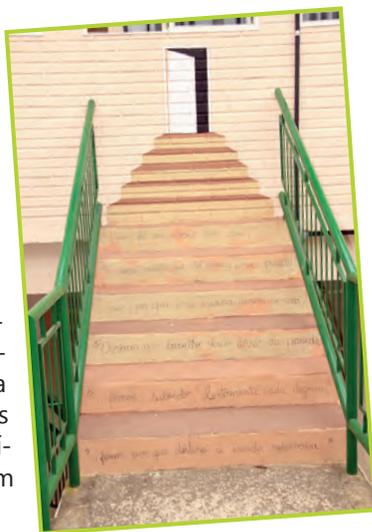
Numa época em que o Brasil respira os movimentos sociais à procura de outros caminhos, tempos em que a juventude encontra sua causa e sai às ruas atrás dela, olhar aquela escada é um desafio para nossa imaginação. Afinal, estamos diante de novos horizontes, o mundo se modifica, e é nessa hora que paredes desenhadas podem expressar nosso desejo de ir mais longe.

Edgar Aristimunho,
pai do Mateus, 6º ano C

Um portal para a imaginação

Onde leva uma escada que dá no nada? A pergunta inevitável diante dos degraus misteriosos interrompidos pela parede do prédio 8 tem uma resposta lógica e técnica: trata-se uma coluna de apoio arquitetonicamente planejada para dar mais segurança à construção. Os alunos, entretanto, preferiram outra explicação, bem menos prosaica. Para eles, aquele paredão de tijolos é, na realidade, um portal invisível aos olhos de quem não tem imaginação.

A brincadeira, é claro, foi um mote para a professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio, Carmen Regina Garcia de Lima Vellinho, inventar uma atividade. Assim nasceram as *Crônicas do Real e do Imaginário*. Cada estudante foi estimulado a fazer



um texto sobre uma situação cotidiana e outra inventada, sendo a primeira digitada em preto e a segunda em vermelho. Além disso, decoraram cada degrau com frases que, juntas, formavam um texto.

A herança da Santa

Uma Santa deixou um legado para um “papa”: livros, livros e mais livros. A história é verdadeira e os protagonistas são a escola Santa Rosa de Lima – que fechou as portas em 2012 – e o Colégio João XXIII – herdeiro da biblioteca do antigo estabelecimento de ensino.

O “presente” lotou um caminhão baú e encantou a bibliotecária Eliane Santa Brígida: “É um acervo maravilhoso, muito bem cuidado e com um trabalho biblioteconômico impecável. Existem obras raríssimas, até de 1911”, comemora.

Para abrigar a “Herança da Santa”, foi desocupado o antigo espaço reservado à contação de histórias, atividade agora integrada ao corpo da Biblioteca. Os livros – que ficaram armazenados e sem uso por um ano – passaram por um processo e higienização e foram catalogados pela equipe da Biblioteca, que agora conta com a ajuda de Lucas Rodrigues, o recém contratado auxiliar de biblioteca.





Especial



Voz das ruas ecoa no João

O João nasceu no ano do Golpe Militar – 1964 – e cresceu em tempos de grandes protestos. Na contramão do ensino tecnicista e alienante, destinado a formar mão de obra em vez de seres pensantes, o Colégio João XXIII apostava em uma educação baseada no conhecimento, na criatividade e na consciência, proposta que se manteve ao longo dos seus 49 anos de vida. Por isso, o movimento que hoje mobiliza a juventude ecoa na Escola. Nos últimos dois meses, diferentes tipos de iniciativas contribuíram para esclarecer e promover a reflexão em torno do momento histórico nacional.

O assunto pautou aulas em todas as disciplinas, mobilizou as conversas do recreio, gerou passeatas pelo pátio, reflexões e debates. Nem a Festa Junina ficou imune, pois as bandeirolas da barraca do 3º ano do EM exibiram palavras de ordem. E até ex-alunos se mobilizaram, promovendo três debates sobre o tema. “Foi uma grande satisfação ver nossos jovens tão envolvidos e comprometidos com a cidadania, atuando responsabilmente neste momento histórico que vive nosso país”, comemora Miriam Zambonato, coordenadora pedagógica do João.





Ex-alunos realizaram três debates, junto com professores, sobre os manifestos ocorridos em todo o País

De jovem para jovem

Os encontros realizados entre alunos e ex-alunos do João XXIII no dia 2 de junho sobre o momento histórico brasileiro – em especial os protestos de rua disseminados pelo País –, foi uma conversa de jovem para jovem. Mas não apenas um confronto de opiniões e relatos de experiências. Os debatedores analisaram o movimento desde seu início, a dualidade da mídia, a tentativa de manipulação dos opositores ao atual governo, a violência policial e as razões das atitudes radicais de parte dos manifestantes. Tanto a proposta do debate quanto sua condução partiram de ex-alunos.

Clara Pozzobon de Menezes e Isabella Wondracek foram as autoras da ideia. Elas procuraram a coordenadora pedagógica, Miriam Zambonato, e a orientadora educacional, Sílvia Hervella, que acolheram a proposta. Os três encontros – ocorridos no auditório, em 2 de junho – reuniram também Gustavo Tessler, Frederico Lisboa, Vinícios Marra, João Ilha e Pedro de Almeida, todos ex-alunos do João. Participaram, ainda, dois professores convidados pelo grupo: Rogério Carricone e Artur Bergelt.

Uma das principais preocupações dos organizadores foi desmistificar estereótipos, como a ausência de liderança e de partidos

políticos, a divisão entre manifestantes pacíficos e “vândalos”, e o conceito de que o povo está contra tudo e contra todos. Confira como jovens que participaram ativamente dos protestos interpretam o que está ocorrendo nas ruas do Brasil:

Vulcão em erupção

O movimento começou com os jovens, como a maioria dos movimentos de protesto. Foi assim com as rebeliões dos anos 60 – quando se lutava por liberdade sexual e política. Os *Caras Pintadas*, que contribuíram para afastar Fernando

Collor da presidência por meio do *impeachment*, e o movimento pelas *Diretas Já*, que clamaram por eleições diretas depois da Ditadura, foram dois outros exemplos. Só que esses movimentos surgiram de cima para baixo, com os partidos políticos. Agora, pela primeira vez, os protestos começaram de baixo para cima.

As manifestações de hoje são disputadas tanto pela esquerda quanto pela direita. A esquerda diz que foi ela que começou e a direita tenta tirar o foco. Não é fácil entender o que está certo e o que está errado. É como um vulcão despejando lava por todos os lados. Não se sabe como, quando e por que parar. Mas não é moda e, sobretudo, não é negativo. Há quem critique e diga que a juventude só quer tirar foto no protesto, mas isso é uma forma de desvalorizá-los. Qual o problema de registrar o momento? Os jovens estão vivendo e fazendo a história. Estão sofrendo violência policial para defenderem seus direitos e os de toda a população.

A mídia brasileira é monopolizada, os movimentos sociais são criminalizados e a Fifa instalou estado de exceção no Brasil. Na Copa das Confederações, no Rio de Janeiro, era exigido comprovante de residência em todo o entorno do estádio. Nas vi-



Maria Melgarejo



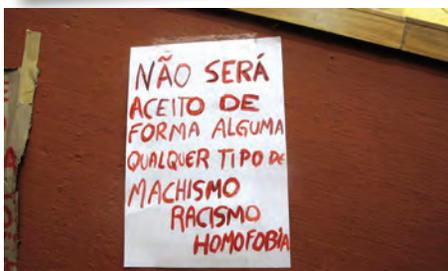
Maria Melgarejo



"Acreditamos que para entender o movimento é necessário participar ou conversar com quem é atuante nos manifestos. Sabemos que as informações de fora são manipuladas. Então, achamos interessante contar aos alunos as nossas experiências, com a intenção de fazê-los entender o que gerou as manifestações."

Clara e Isabella

Clara Pozzobon



Clara Pozzobon



las, estão demolindo casas para alargar ruas. Tiram pessoas para dar lugar a carros. E o transporte público é um direito.

Movimento organizado

Andam repetindo que o gigante acordou, mas isso não é verdade. A classe média podia estar dormindo, mas a periferia já estava acordada há muito tempo. E os protestos têm organização, sim. O *Bloco de Lutas contra o Transporte Público* é apoiado por sindicatos e uma série de outros grupos como *Levante da Juventude*, *Unidos para Lutar*, *Vamos à Luta* e *Federação Anarquista Gaúcha*, entre outros. O *Movimento Passe Livre*, que faz parte desta lista, atuou de 2004 a 2007 na *Revolta da Catraca*, em Santa Catarina. Também estão inseridos partidos políticos. O PSTU, o PSOL e o PT participam desde o começo e é preciso respeitar.

Da água para o vinho

No começo a mídia criminalizou o movimento. Os manifestantes eram todos "vândalos". Depois, quando São Paulo aderiu e escancarou "Vamos reviver Porto Alegre", mudou da água para o vinho. O Arnaldo Jabor chamou os manifestantes de bando de classe média, jovens predispostos à violência com ideias pseudo-revolucionárias, que lutava por R\$ 0,20. Quarenta e oito horas depois, admitindo estar enganado, classificou tudo como um momento lindo, um sinal de cansaço do povo. A Revista *Veja* fez até pior. Mas isso não significa uma mudança de opinião e sim de estratégia: admitiram um

erro para esconder um erro maior.

A mídia tenta se apropriar do movimento que começou com tendência de esquerda, sim. É simplório e malicioso separar manifestantes em "baderneiros" e "pacíficos". É como se quem quebrasse o vidro perdesse a razão. As tevês e jornais mostram o vidro quebrado, mas não dizem por que isso aconteceu. Não é tão fácil julgar o certo e o errado. Sem fazer apologia do quebra-quebra, é preciso refletir sobre o que essa violência nos diz?

Por exemplo: quando foram desligados os ventiladores do Boneco da Copa, a palavra usada foi "destruição". Jamais mencionaram que fazia parte de um protesto contra a ocupação dos espaços públicos. Com o relógio dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, foi a mesma coisa: os jovens estavam dizendo que Colombo não descobriu,

mas invadiu o País, e isso não merecia comemoração. Era um ataque a um símbolo, como foi a derrubada do Muro de Berlim. E, naquela época, ninguém chamou de vandalismo.

A violência de hoje não é fácil de ser analisada. Quem a pratica? Tem gente infiltrada, avacalhando, mas também têm as classes populares, com a carga da violência sofrida ao longo de suas vidas. Porque, se os manifestantes recebem gás lacrimogêneo e balas de borracha, nas vilas as balas são de verdade.

A mudança de foco dos protestos, encampada pela mídia conservadora, tem objetivos nítidos: enxertar agendas que não estavam na pauta.

Cinco bandeiras

É preciso ter pontos claros para medir as conquistas. Não é verdade que os jovens protestam contra tudo e contra todos. O movimento tem bandeiras de lutas bem definidas:

- Transporte público 100% gratuito

- Passe livre imediato para idosos, estudantes e desempregados
 - Democratização da mídia
 - Discriminização dos movimentos sociais
- Contra o estado de exceção da Fifa na Copa do Mundo.



Arroz, feijão, saúde, educação

Na trilha das manifestações populares disseminadas pelo país, os alunos do 4º ano também fizeram a sua. No dia 24 de junho, eles desfilaram pelo colégio portando cartazes elaborados junto com os pais. A proposta partiu das professoras da etapa Cristiane Prado, Mariana Montano, Melissa de Abreu e Silvana Meireles que, ao perceberem o interesse das crianças pelo assunto, propuseram um tema de conversa com os pais. Além disso, em sala de aula debateram sobre outras manifestações antigas, como *Fora Collor* e *Diretas Já*.

A partir das imagens das passeatas no País, foram feitas reflexões sobre formas pacíficas de protesto, cidadania, luta pelos direitos, vandalismo e indignação popular, entre outras. Na sequência, o tema de casa do final de semana foi: "se você pudesse participar das manifestações, como seria o seu car-

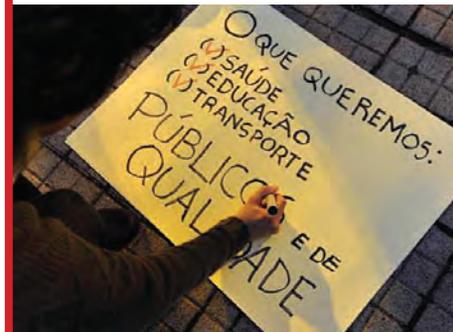
taz?". Os alunos não apenas cumpriram a tarefa como a compartilharam com a comunidade escolar. Confira abaixo algumas das inquietações infantis, expressas nos cartazes dos 65 participantes da passeata interna da Escola.

- Menos corrupção e mais saúde e educação
- Mais Consciência, Menos Violência
- Meus pais pagam impostos, e não temos nem segurança nem educação pública de qualidade
- Nós não vamos parar se o Brasil não mudar
- Respeito com o dinheiro público e com o povo
- Arroz, Feijão, Saúde, Educação

Nem a Festa Junina escapou do clima de manifestações. Na barraca dos terceiros anos do Ensino Médio, as bandeirolas foram decoradas com mensagens sociais: "Gentileza gera gentileza", "Não há cura para o que não é doença", "Não há ordem sem liberdade", entre outras.



Coluna do GEJ 1



#vemprarua #vemprajanela

Desde março, o GEJ está envolvido com a onda de protestos que hoje já se espalhou pelo Brasil inteiro. O que começou neste ano com um manifesto estudantil para impedir o aumento do valor nas passagens de ônibus, hoje tomou proporções nacionais, e as reivindicações aumentaram na mesma escala. Quem está nas ruas hoje luta por maiores investimentos em saúde e educação, condenação de políticos corruptos, investigações de irregularidades em obras da Copa do Mundo, melhora na qualidade dos transportes públicos e derrubada de certos projetos de lei, entre outras reivindicações. Nós, assim como muitos alunos do João XXIII, nos manifestamos em nome do todo, mais por uma questão de cidadania do que de benefício próprio. A maioria dos alunos não depende de saúde e transporte públicos, mas, se pensarmos apenas no que nós precisamos, o Brasil nunca vai melhorar para ninguém. E o que nós queremos é um país melhor para todos.

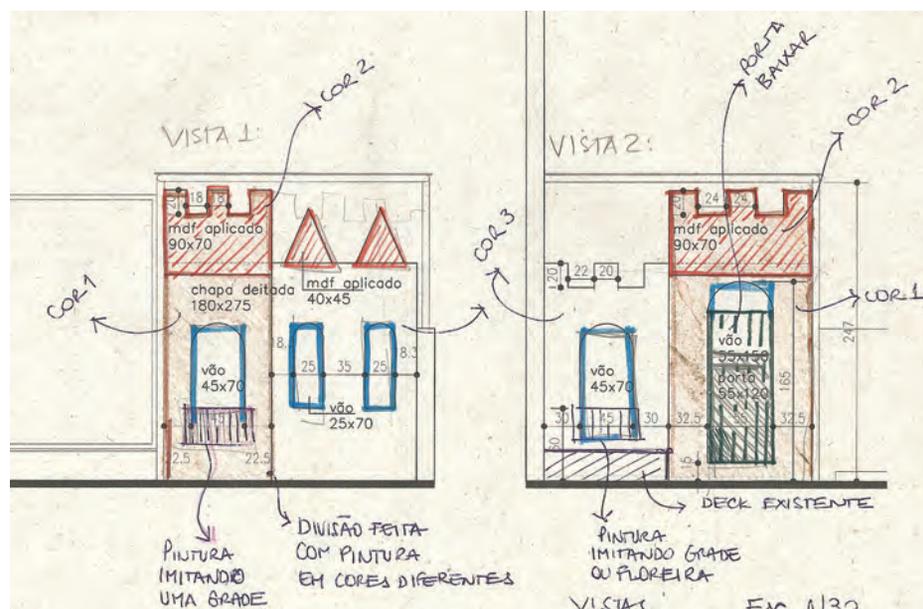


Castelos para fantasiar e aprender

As crianças do Nível B da Educação Infantil brincam e aprendem em um ambiente que virou cenário de contos, histórias, fantasia e pesquisa: um castelo mágico. No começo, ele só existia na imaginação das crianças e no livro inspirador de Erico Verissimo, *Rosa Maria no Castelo Encantado*. Aos poucos, foi sendo criado com panos drapeados e caixas de papelão. E a construção continua. As torres da entrada, por exemplo, exigiram experimentos envolvendo noções matemáticas e geométricas, além de modos de sustentação e equilíbrio, numa relação comparativa entre pesos e alturas, ângulos e formas.

Todos esses temas foram explorados de forma contextualizada, pois a finalidade era a busca de soluções para os desafios surgidos ao longo da obra. Quando as crianças se deram conta de que, quanto mais empilhavam caixas, mais difícil era sustentar a coluna com cola e fitas, por exemplo, tornou-se necessário pensar em outros métodos de fixação das torres. Depois de várias tentativas, alguém teve a ideia de colocar um fio dentro das caixas, e elas finalmente ficaram em pé. A próxima etapa contará com a experiência de mães arquitetas, que compartilharão com a turma vivências relacionadas ao planejamento e à execução da parte externa do castelo.

As salas-cenários fazem parte do cotidiano da Educação Infantil. A do Maternal D é o fundo do mar (veja matéria na página 5), a do Nível D o Avião Vermelho, e a do Maternal B uma floresta. Os temas surgem da curiosidade e do desejo de aprender



Projetos já estão prontos e a construção começa no segundo semestre

das crianças, potencializados pela mediação atenta das educadoras. Elas planejam e propõem experiências de ampliação de habilidades, linguagens e conhecimentos de mundo pelas crianças. À disposição da inesgotável inventividade, contam com um ambiente educativo capaz de acolher ideias mirabolantes, onde a liberdade de aprender e ensinar brincando cria um contexto fértil de crescimento para todos. "Falamos com as crianças e não somente sobre as crianças. Exercitamos uma escuta sensível capaz de compreendê-las e encorajá-las em suas indagações e interpretações próprias e criativas sobre o mundo, estabelecendo com

elas um diálogo rico em que uma trama de saberes e afetos são construídos entre grandes e pequenos", resume Márcia Valiati, coordenadora da etapa.

Nesse contexto, o projeto Castelos, nutrido pelas palavras mágicas do homenageado especial da Feira do Livro do Colégio João XXIII – ocorrida em abril passado – e por um documentário sobre palácios, exibido pela professora Nathalia Lemos, gerou múltiplas possibilidades de interação com elementos culturais, artísticos, científicos e históricos. A morada de Leonardo da Vinci – localizada em território francês, no Vale do Loure – por exemplo, encantou a turma. No palacete estão expostas as obras do gênio, entre elas o *Homem Vitruviano*. Inspirados no gênio italiano, os pequenos fizeram a própria releitura da obra e, na sequência, reproduziram a posição do modelo de da Vinci, testando suas medidas e proporcionalidades corporais.

Soltas as rédeas da imaginação, as crianças foram além. "Queremos fazer um castelo grande lá fora", pediam. "Mas e se chove e molha o papelão?" – questionava Nathalia. Enquanto investigavam possibilidades, iam povoando o palacete imaginário com espadas e armaduras, capas e coroas, além de outros artefatos medievais. A inspiração veio dos livros e vídeos, e o material foi recolhido pelas crianças e pela professora entre as sucatas domésticas. Em meio ao processo, certo dia as mães foram convidadas a tomar chá no castelo, onde encontraram suas crianças transformadas em reis, príncipes, princesas e cavaleiros.

Castelo de chocolate

Nosso castelo é de chocolate, a ponte elevadiça é todinha de picolés de chocolate.

As portas são de sorvete de coco, janelas de marmelada e goiabada. Ao entrar no castelo vemos uma sala com poltronas de confete e almofadas de calda de chocolate, no quarto tem camas de *mm's* e picolé de limão, as cobertas são de chocolate derretido. Armas e as armaduras dos cavaleiros são de chocolate também. As armadilhas para os inimigos são de chocolate quente. A poltrona do rei é recheada com *mm's* e os braços da poltrona tem sorvete de creme.

No nosso castelo tem anões de granulado. O céu também era de chocolate e as nuvens de algodão doce. No nosso reino o sol é de rosquinha e confetes de chocolate. As carroças de bala de goma com rodas de rosquinhas.
(História coletiva feita pelas crianças do NB)



Esta página é nossa!

Espaço dos estudantes do João XXIII



Foto: João XXIII



Coluna do GEJ 2

Trânsito de bicicletas e cabeças pensantes

Aconteceu em maio, a primeira palestra do *Formando Cabeças Pensantes*, ciclo realizado pelo GEJ. Com a participação de João Albano (engenheiro civil e professor da UFRGS) e Marcelo Sgarbossa (vereador e ex-ciclista) que, inclusive, chegou à escola de bicicleta, o assunto da vez foi a mobilidade urbana, o trânsito e os carros.

Em prol do bem comum, Marcelo sugeriu que usássemos menos o carro – afinal, ninguém precisa dele para ir até a esquina e, se é pra deixar ele estacionado o dia inteiro, que fique na garagem de casa, não naquela vaga, perto do trabalho. Depois, foi a vez de Albano demonstrar como o planejamento urbano pode diminuir o trânsito: “Em um cruzamento em que se pode converter à esquerda, por exemplo, são necessárias 16 sinaleiras. Se, em vez disso, os motoristas que quisessem seguir aquele caminho tivessem que dar a volta na quadra, convertendo à direita para atravessá-lo, seriam 12 sinaleiras”.

E assim, os dois primeiros palestrantes de 2013 cumpriram com o seu papel e colocaram as cabeças dos pais e alunos presentes para pensar. Tu sabia que por aqui até as calçadas e ciclovias são construídas de maneira que não atrapalhe o trânsito de automóveis? A nossa dúvida é se estamos construindo uma Porto Alegre para pessoas ou para carros.

Concurso de Fotografias

Vem aí o concurso de fotografias do GEJ 2013. Cada aluno pode inscrever quatro fotos e uma sequência fotográfica (de cinco fotos), com o tema “movimento”. Vale lembrar que as fotos devem ser autorais e enviadas para o email do Gej: diretoria.gej23@gmail.com. O valor da inscrição é de R\$10 e as melhores fotos serão expostas no Palácio do Ministério Público. Dar imagem ao movimento pode ser tão óbvio quanto dar som a voz, portanto, a dica é surpreender. Participe!

A rebelião pacífica do CA

O Conselho dos Alunos se rebelou e promoveu uma manifestação pacífica sem passeata. Eles pediram um momento de privacidade, ou seja: o direito de promover debates internos sem a presença nem de professores, nem da diretoria. Foram atendidos. Agora o CA pode tecer ideias e argumentos li-

vre de qualquer interferência, para depois debatê-las com as demais instâncias. Confira, some esforços ou questione algumas das pautas listadas nas plataformas dos integrantes, ainda durante as suas campanhas eleitorais e que agora estão sendo discutidas pelo Conselho:

- Aulas de xadrez
- Aulas de Robótica
- Novo relógio de sol
- Hortas, estufas e canteiros
- Grafite no muro da escola
- Atividades para o intervalo do almoço
- Cobertura da área de piche
- Olimpíada de conhecimentos
- Empréstimo de instrumentos musicais
- Reforma do ginásio
- Rampa para cadeirantes
- Dia do animal de estimação
- Bambona de água nas salas de aula
- Mais livros na biblioteca

- Inverter a saída e entrada no estacionamento
- Livros no bar
- Dia do penteado maluco, da calça maluca, da liberdade de expressão, do avesso, etc
- Mais trabalho voluntário
- Liberdade aos alunos a opinarem nas leituras
- Informática liberada no período da tarde
- Mais toldos, especialmente nas entrada
- Atividades interséries
- Mais aulas ao ar livre
- Carteira de estudante encaminhada na escola
- Grupos de estudo
- Atividades inter-turmas e inter-séries

